

EXPERIÊNCIAS DE ECLÉSIA EM CORINTO

Jane Elizabeth Dwyer

Estávamos sentadas ao redor duma mesa, um grupo de mulheres, estudando e aprofundando a comunidade de Corinto. Não é só mulher em Anapu que estuda a Bíblia ... mas nesse dia foi assim. Por uma razão ou outra os homens não vieram nesse domingo. Partilhamos a realidade local, as novidades recentes que marcaram a vida da comunidade. Passamos para a Palavra de Paulo, as Cartas aos Coríntios, voltando sempre para nossa realidade. Uma companheira, uma índia, estava na cadeia, acusada de matar seu marido. Ela com vinte um anos e dois filhinhos; ele com vinte três anos. O fato em si foi terrível; pior ainda é que foi a terceira morte durante um ano. Duas vezes mulheres, em defesa de si, mataram seus maridos; a terceira vez, a mãe desesperada, sem apoio, vendo suas filhas adolescentes ameaçadas pelo próprio pai, mandou matar. Ela também terminou morta. A vida, o sofrimento, encarnou a Palavra; a Palavra se tornou vida. Nasceu um sonho: uma casa de refúgio e liberdade para as mulheres em Anapu. A Casa: Aqui é Meu Lugar!

Cada quarta-feira à noite e domingo pela manhã, um grupo de AA se encontra na casa: Aqui é Meu Lugar. Tem meses que chegam só dois, mas não desistem. Animam os companheiros e companheiras que precisam participar, fazer parte desta irmandade de apoio.

As famílias da área rural sobrevivem com sua safra, mas não tinham escoamento de seus produtos para poderem sustentar as necessidades de sua família. Junto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais as famílias organizaram uma feira livre da agricultura familiar. A prefeitura reagiu. Colocou outra feira, maior, bem mais aparelhada com transporte municipal. O objetivo: sufocar a feira livre e forçar a agricultura familiar a entrar na dança da prefeitura. Não deu certo. Apesar de muita dificuldade, a feira do povo continua e a feira da prefeitura morreu.

Grupos de famílias de trabalhadores e trabalhadoras se organizam e lutam para assegurar seus direitos no Projeto de Desenvolvimento Sustentável do INCRA, em confronto com a agressão ameaçadora e violenta de grandes fazendeiros e madeireiros.

As comunidades de base espalhadas pelo município se encontram nos domingos e dias de festa para celebrar a vida e a mística que sustentam sua vida e caminhada. Estas comunidades são, às vezes, ecumênicas.

Um grupo de mulheres e homens, treinadas na saúde alternativa, consagra cada quarta-feira ao serviço das pessoas que o procuram em busca de saúde. Estas pessoas são voluntárias. Quem as procura oferece o que pode para manter o local e ajudar na capacitação das voluntárias.

Estes grupos, no município, variam em tamanho de cinco a cem pessoas. Tem gente que participa de mais de um grupo. Há muitos outros grupos parecidos que atuam no município. Eles se unem num processo de reflexão/ação ao redor de objetivos em comum e se mantêm em relação, pessoalmente e como grupo. Articulam-se os grupos entre si mesmos. Pertencem a um espaço político e sócio econômico comum. E de um jeito ou outro, cultivam uma mística que alimenta a caminhada a fim de conseguir seu objetivo. Essa mística de forma mais ou menos explícita se situa na Palavra de Deus, lida, refletida e aprofundada pelos grupos. Os grupos são em geral frutos da caminhada das comunidades de base em conjunto com as lutas sócio-políticas. Eles se identificam com o processo das CEBs e se articulam entre si.

Se perguntar aos participantes destes grupos: “O que vocês são? Por que existem?” a tendência é de ficar no *por que* do agrupamento, o objetivo que tem em comum. Mas por trás ou por baixo deste objetivo em comum existe uma postura, um olhar sobre si e sobre a sociedade que todos e todas têm em comum: os pequenos, pobres, excluídos se encontram e se organizam para se defender e defender os/as deles. É uma postura e caminhada na contra-mão da sociedade, uma convicção que é do meio dos pobres organizados que vem a mudança, um outro Brasil, uma outra sociedade. E para a grande maioria, esta convicção se fundamenta na pessoa e vida bíblica de Jesus Cristo, libertador, compassivo, companheiro dos pequenos e pequenas.

É esta a experiência de Eclésia/Igreja do povo em Anapu. É ligada intimamente, sim, às igrejas, mas não se resume, não se reduz a existência institucional de igreja nenhuma. O seguinte canto feito pelo povo expressa bem isso:

A verdadeira igreja, é onde está o povo unido
O que Jesus deseja: nem opressor, nem oprimido. {Refrão}

Igreja de cal e pedra, que por *nós* foi construída,
é casa de oração e não foi obra perdida,
mas a verdadeira igreja é dar o sentido à vida.

Vejam as comunidades que viviam antigamente
olhe na Bíblia Sagrada, que encontra esta semente
assim é que deve ser, esta igreja da gente.
Não adianta ter igreja sem vivermos como irmãos,
sem praticar a justiça, sem repartir o seu pão
viver contrário disto, não é ser igreja, não.

A igreja é no campo, a igreja é no terreiro,
a igreja é na praça junto com os/as companheiros/as
reunindo com Jesus Cristo, nosso *irmão verdadeiro*.

O povo assume sua igreja prédio, pois a construiu; mas leva a experiência de fé e Eclésia muito além. A verdadeira igreja é aquela que transforma a relação, faz de todas e todos verdadeiras irmãs e irmãos.

Nosso assunto é *experiências de Eclésia em Corinto*. Abordamos Corinto a partir de nossa experiência em Anapu. É essa que nos oferece a chave para compreender a experiência de Corinto. A realidade de Corinto e Anapu não é muito diferente em termos de exploração, opressão, exclusão. Seus momentos histórico, social e eclesial, porém, são diferentes. Corinto é uma metrópole importante, bem maior que o pequeno Anapu situado ao longo de cem quilômetros da Rodovia Transamazônica. A maioria da população dos dois lugares é escravo/a, pobre, excluído/a, longe de ser sujeito/a ativo/a e respeitado/a da sociedade ao redor. Anapu vive uma explosão populacional que desestrutura e desorienta toda a organização posterior em todos seus níveis. Corinto vive o começo de uma realidade nova, pequenas comunidades construídas ao redor de Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado.

De começo, é difícil discernir o que provoca a formação da comunidade de Corinto, uma comunidade possivelmente de umas cem pessoas, alguns sendo judeus, outros cidadãos e gregos, a maioria, porém, sendo escravos/as. Atos 18 nos conta que a comunidade foi fundada por Paulo depois dele se afastar de Atenas. Em Corinto Paulo achou acolhimento, mas também terminou sendo perseguido, e depois de uns dezoito meses de convivência viajou para Éfeso. Quando ele escreve a primeira carta aos Coríntios, ele faz saudação “à Igreja de Deus, que está em Corinto, àqueles que foram santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com todos os que em qualquer lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso” (1Cor 1,2-3). Aqui na mente de Paulo existe uma eclésia. Mas o que faz deste povo tão diverso Eclésia? É formada de judeus, gregos e muitos escravos e escravas, um povo que procede de outras experiências religiosas e níveis diferentes da sociedade, um povo que de costume não ia se encontrar religiosamente ou socialmente na realidade corintiana. E Paulo continua: “na verdade, o testemunho de Cristo tornou-se firme em vós” (1Cor 1,5). “É fiel o Deus que vos chamou à comunhão com o seu filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Cor 1,9). O que tem este Senhor Jesus Cristo que judeu, grego e escravo se encontrem e caminhem juntos? Que testemunho é este que se tornou firme neste povo? Qual o chamado à comunhão com Jesus Cristo? O que quer dizer ser santificado em Jesus Cristo...invocar o nome de nosso senhor Jesus Cristo?

Por trás desta saudação existe alguma coisa que todos e todas entendem. Paulo ainda completa, “... pois não foi para batizar que Cristo me enviou, mas para anunciar o Evangelho, sem recorrer à sabedoria da linguagem, a fim de que não se torne inútil a cruz de Cristo (1Cor 1,17) ... pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens” (1Cor 1,25), “mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo Deus o escolheu para confundir o que é forte e, o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é” (1Cor 1,27-28). As interpretações de Paulo e das cartas aos Coríntios constam que esta loucura seja a cruz de Cristo. Não tiro a cruz do meio da história, mas suspeito que há um conteúdo a mais nesta cruz do que se costuma analisar em Paulo, e que este conteúdo seja a convivência dos membros da Eclésia; que introduz uma nova relação entre os participantes da comunidade, uma relação que, ao crescer e se expandir, ameaçava a estrutura fundamental do império romano.

Paulo, depois e até no meio de tanto louvar ao povo de Corinto, começa logo a entrar nas críticas e conselhos. Ele começa com o *fundamento* da comunidade: “Eu vos exorto, irmãos, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós; sede estreitamente unidos no mesmo espírito e no mesmo modo de pensar ... pessoas da casa de Cloé me informaram que existem rixas entre vós” (1Cor 1,10-12). Estas rixas aparecem por causa da competição entre animadores, pregadores da Palavra, que faz o povo escolher sua pessoa preferida e a seguir. O campo da Palavra torna-se um campo de jogo, cada um e uma torcendo pelo seu time. Paulo questiona esta competição, colocando os pregadores da Palavra como servidores e cooperadores de Deus, o povo sendo a seara, o edifício de Deus, o Templo. Paulo, segundo a graça de Deus, lançou o fundamento, a comunidade constrói, mas precisa ter cuidado com a construção. “Se a obra construída sobre o fundamento subsistir, o operário receberá a recompensa ... sendo habitação dinâmica do Espírito” (1Cor 3,14-16). O *fundamento* da comunidade eclesial é a união que nasce da igualdade. Todos e todas são templos do Espírito de Deus na medida em que vivem esta união. Rixas e ciúmes que nascem da sabedoria do mundo são loucura para a comunidade que diante do mundo torna-se louca para ser sábia. Enquanto a comunidade vive entre os dois mundos, não haverá mudança. Ser Eclésia exige uma tomada radical de posição, uma posição que coloca a comunidade no caminho da perseguição.

Paulo passa para o caso de incesto (vivência com a madrasta) na comunidade. De novo, Paulo é categórico. Este velho fermento enfraquece a massa nova. A comunidade não reconhece seu perigo e até trata a situação de forma leviana. A experiência da nova vivência é muito vulnerável ainda. O problema não é simplesmente aquele que errou, mas também a situação que permite que isso aconteça. Tem que corrigir, mas em assembléia, pois assim a assembléia também se corrige. Existe incesto porque é acolhido ou no mínimo tolerado. Precisa ajeitar o homem e a comunidade. Não é uma questão de afastar o homem, e sim que a relação entre a comunidade e ele possibilite a transformação. Interessante que a questão da mulher não se levanta. Se ela não é cúmplice, é vítima?

A prática de resolver rixas e desentendimentos nos tribunais é outro questionamento forte de Paulo. A comunidade, pela sua própria existência, questiona a justiça dessas instâncias públicas. Recorrer aos tribunais coloca a ecclésia em contradição. As encrencas e os desentendimentos do cotidiano, a comunidade tem que aprender a resolver, criando seus próprios jeitos e instâncias para isso. Entrar nos tribunais neutraliza o novo jeito de ser, tanto para a comunidade em si, quanto para o testemunho que se dá. É melhor padecer e se deixar defraudar do que trair a comunidade.

Enfim, precisa criar um novo jeito de ser e de olhar a vida, precisa transformar as cabeças e os corpos, comunitária e pessoalmente, o que torna a pessoa e a comunidade cada vez mais autônoma e livre, capaz de viver e seguir seu caminho conforme seu objetivo. Também cria uma responsabilidade mútua entre a ecclésia e seus membros. Nós fomos criadas/os para ser livres, não escravas/os. Nossa liberdade acontece em relação, pois minha liberdade não pode escravizar a outra. Todo nosso viver é ao serviço da liberdade de todos e todas. Assim a cruz se torna ressurreição.

A partir da fama e prática libertina da população de Corinto, Paulo orienta o sentido da liberdade: “Tudo me é permitido, mas nem tudo convém. Tudo me é permitido, mas não me deixarei escravizar por coisa alguma” (1Cor 6,12). Essa *coisa alguma* inclui pessoas, a sociedade, até a própria liberdade. A pergunta chave é: Nossa relação com a *sociedade opressora*, (no caso de Paulo, a *sociedade romana*), *a fortalece*? Paulo faz eco ao estilo profético do Primeiro Testamento nesta reflexão: “Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?...Não sabeis que aquele que se une a uma prostituta constitui com ela um só corpo ... aquele que se entrega à fornicção peca contra o próprio corpo” (1Cor 6,15.16.18)? A insistência e o uso repetido da palavra *corpo* na primeira carta se torna mais compreensível depois da reflexão no capítulo 12. O corpo é a comunidade, e em relação àquilo que ameaça a essência da vida dessa eclesía, Paulo não tem dúvida. Não há como conviver. Resumindo, o que compromete o testemunho da vivência da comunidade é tudo que fere a união que nasce da vivência da igualdade, a inexperiência em perceber e aprofundar a relação entre as falhas comunitárias e pessoais, a tendência de recorrer à instâncias e costumes antigos para resolver dificuldades, isto pela resistência de criar jeitos comunitários próprios e coerentes para fazer o mesmo.

Paulo depois trata de situações secundárias, aqueles casos que aparecem mas não atingem o cerne da vida da eclesía. São divergências, problemas relacionais que exigem maturidade, mas não têm respostas certas. Nesta situação, Paulo é bem mais flexível e trata de tomar decisões conforme a realidade. Mostra a capacidade de conviver com divergências, respeitando as crenças e os costumes diferentes das pessoas. O que deve informar tais decisões, não é simplesmente a ciência e a sabedoria, mas também a caridade, o respeito pelo outro e outra, o cuidado para que a liberdade duma pessoa não escravize a outra.

Enfim o desafio de Corinto não eram tanto as divisões e sim o amadurecimento da nova relação na convivência da comunidade, uma relação até então desconhecida. Como discernir os pontos nevrálgicos da relação, quais os sinais da infiltração destrutiva de outras ideologias, qual o caminho mais acertado para fortalecer e aprofundar esta relação, juntos? Qual o momento da verdade: somos ou não somos Eclesía? Paulo define este momento: a *Ceia do Senhor*. E a ceia da comunidade de Corinto deixa a desejar. Em vez de ajudar a comunidade na sua convivência, prejudica. Para Paulo esta é uma contradição insuportável. De novo, a divisão principal é aquela que fere a vivência profunda da igualdade. “Quando vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e enquanto um passa fome, o outro fica embriagado” (1Cor 11,20-21). A essência da Ceia é a partilha de tudo, até a própria vida. É uma aliança da comunidade em favor de tudo que gera vida para todos e todas. Numa Ceia – tanto faz quem celebra –, que expressa o contrário disso, come-se e bebe-se sem discernir o Corpo, o Corpo que é a comunidade, come-se e bebe-se a própria condenação ... pois se fala da vida mas se vive a morte. É a traição total.

Como não cair nesta tragédia? Como nos manter conscientes e fiéis? Conforme Paulo, “...ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser o Espírito Santo” (1 Cor 12,3). Dizer é se entregar, assumir o sopro do Espírito como guia para a vida. O que te-

mos de dons e carismas, temos não para nós, e sim para colocar ao serviço de outros/as, ao serviço da comunidade, da coletividade. A diversidade de dons mostra a capacidade do Espírito de sustentar e dinamizar a caminhada. Este Espírito reside, paira na coletividade unida e ativa, vivendo a partilha e igualdade. Como entender este conceito? Como o fazer entendido para a mentalidade grega, livre, escrava, libertina? Paulo ape-la para o conhecido mais próximo, nosso próprio corpo. O corpo é um e ao mesmo tempo muitos. Um corpo sem membros não é corpo, membros soltos, sem relação estreita não formam um corpo. São indefesos, e facilmente destruídos, falta a força da coletividade para dar ânimo, proteger e inspirar nova energia. Existe no corpo uma interdependência absoluta entre os membros. Os membros têm de aprender a liderar em certos momentos e, em outros, seguir. O membro que nunca se mexe, morre. O membro que se mexe demais, fora de seu âmbito, se quebra, se machuca. Um membro machucado faz os outros sentirem a mesma dor. Quando morre um membro, ele coloca os outros em perigo. É assim também com a comunidade, com a sociedade. Precisa transformar as relações entre as pessoas, igualar, incluir, valorizar. As pessoas já valorizadas, reconhecidas, precisam aprender a valorizar, a respeitar os que até hoje elas nem enxergaram. Os pequenos/as têm de se organizar, insistir na sua inclusão, na sua valorização pelo bem do corpo todo. Estes membros precisam de mais zelo, mais cuidado que os outros, pois pela história já vêm bastante enfraquecidos. Enfim, o novo é o novo para todos. Todos são alunos e todas são professoras na caminhada de escrever uma história diferente, um outro mundo.

O que não tem de novo e diferente nesta reflexão de Paulo é seu tratamento da mulher. É difícil aceitar que a colocação sobre a mulher nas assembléias segue a lógica da carta. Enfim é a história que vai provar ou questionar a tese de Paulo sobre as mulheres. E a caminhada das comunidades de hoje não deixa dúvida sobre isso.

Começamos ao redor da mesa em Anapu naquele domingo, as mulheres e a comunidade de Corinto. A experiência de Eclésia em Paulo tem expressão na vida das comunidades de base hoje, quando estes grupos se reúnem num processo de reflexão e ação que questiona e reorganiza as relações entre as oprimidas e as poderosas, o homem e a mulher, o patrão e o empregado, a negra e a branca, os índios e os brancos; também quando se colocam numa postura questionadora contra as forças que fazem reinar a morte no município, no país, no mundo. O testemunho de Jesus Cristo nos chama a quebrar estas forças da morte; ser Eclésia é ensaiar as forças da vida, da ressurreição. É nesta experiência de Eclésia que vivemos a verdadeira memória da Ceia do Senhor, a partilha total: “fazei-o em memória de mim.”

Jane Elizabeth Dwyer

Anapu – Pará

E-mail: indbelem@amazon.com.br